

Ciência e Fé Cristã: tensão e diálogo¹

Science and Cristian Faith: Tension and dialogue

Newton Aquiles von Zuben²

Resumo

Os conceitos ciência e fé ou razão e fé são alvos, desde o início da civilização ocidental cristã, das mais variadas abordagens, análises críticas antagônicas, de variadas complexidades e intenções. Ambos os conceitos, não sendo afetados de univocidade, exigem um esforço hermenêutico. Esforço este que tem conduzido os estudos focados na visão acurada de seus significados em uma perspectiva diacrônica e, atualmente, em uma visão sincrônica. Esse estudo tenta sugerir uma leitura compreensiva dos conceitos considerados como atitudes humanas ancoradas no existir concreto do humano, rejeitando qualquer extremismo ou apologias dogmáticas. Quanto às possíveis articulações, argumenta em favor de uma tensão mantida por avaliação epistemológica recíproca constante propiciando, assim, o objetivo do estudo: uma linha vetorial para um aprofundamento das questões epistemológicas envolvidas e provocadas, mediadas pela reflexão filosófica, em sua dimensão crítica no sentido forte do termo.

Palavras-chave: Acompanhamento simbólico. Ciência. Fé. Tensão.

Abstract

The concepts of science and faith, or reason and faith, since the beginning of Western Christian civilization, have been the target of multiple and diverse approaches and antagonistic critical analysis with different levels of complexity and intentionality. The meanings of both concepts are not univocal. They require a hermeneutical effort that has been developed from a diachronic perspective and, more recently, from a synchronic one. This study endeavors to provide a comprehensive reading of both concepts considered as human attitudes based on the concrete existence of men, rejecting extremism or dogmatic apologies. With respect to possible associations, the article argues in favor of a tension maintained by the constant reciprocal epistemological evaluation, thus motivating the purpose of the study: a straight line for deepening the epistemological questions involved and provoked, mediated by philosophical reflection, in its critical dimension towards the strong meaning of the term.

Keywords: *Reciprocal epistemological evaluation. Science. Faith. Tension.*

¹ Esse texto retoma, com alterações, a comunicação apresentada no Colóquio "A doutrina social da Igreja: ciência e sociedade", no dia 8 de novembro de 2016, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Faculdade de Filosofia. Rod. Dom Pedro I, km 136, s/n., Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <nzuben@puc-campinas.edu.br>.

Introdução

Ciência sem religião é coxa; religião sem ciência é cega.
(Albert Einstein)

Não tenho necessidade de Deus como hipótese.
(Laplace)

Vangloriando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos.
(Rm, 1- 22)

Vasta literatura mostra a história das relações entre a Razão e Fé, entre Ciências e Teologia. Tais fenômenos têm interpelado as culturas, desde o encontro entre a filosofia helênica e o cristianismo na sua gênese, até a contemporaneidade em nossas sociedades complexas. Herdamos uma questão essencialmente complexa, ambígua e provocadora. Cada cultura e cada época foram afetadas por essas realidades e não deixaram, em graus diversos de comprometimento, de analisá-las e propor soluções ou encaminhamentos. As interpretações foram as mais diversas, do repúdio, querelas, indiferença a tentativas de diálogo, no qual cada um dos pólos saíra credor dos benefícios daí advindos. A cada época da história ocidental a problemática tem se apresentado em um cenário diferente, provocando efeitos diversos. Entretanto, o horizonte semântico que permanece é a busca da verdade, nas ciências, e a tentativa de entendimento do mistério de Deus, na teologia. Ademais, em seu cenário se situa a procura do significado do existir humano nas suas relações com o mundo, como realidade empírica ou como realidade transcendente. No século XX e, sobretudo, neste século, graças tanto à inaudita especialização dos conhecimentos humanos, nos mais diversos setores, quanto ao reconhecimento de um pluralismo cultural, e aos avanços do saber científico no campo das tecnociências, das biotecnologias, as querelas dão lugar a um contrato tácito de não agressão camuflado, muitas vezes, de uma ignorância recíproca, em outros termos, cada qual em seu lugar.

Entretanto, como entender, atualmente, o renascimento do interesse por essa questão, o crescente valor dado a ela, e a frequente inserção nas pautas do mundo científico, por meio de seus eventos especializados? Paralelamente, no mundo cristão católico, o empenho não é menos significativo em abordar o estudo de tais relações argumentando em favor de um diálogo que poderia ser positivo para ambos os lados.

Em suma, assistimos novas posições de um antigo problema. A bibliografia científica especializada, de autores crentes, agnósticos ou ateus, se volta ao debate crítico dessa questão. O mundo cristão católico tem demonstrado, de modo intermitente tanto no século XX como nos dias atuais, especial interesse nisso, haja vista os variados documentos do Magistério eclesiástico. Na constituição pastoral *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II, podemos ler:

O sagrado Concílio, recordando o que ensinou o primeiro Concílio do Vaticano, declara que existem 'duas ordens de conhecimento' distintas, a da fé e a da razão, e que a Igreja de modo algum proíbe que 'as artes e disciplinas humanas usem de princípios e métodos próprios nos seus campos respectivos'; 'reconhecendo esta justa

liberdade', afirma por isso a legítima autonomia da cultura humana e, sobretudo das ciências (GS 59)³.

Temos ademais, a encíclica do Papa João Paulo II, *Fides et Ratio*⁴, e o mais recente ensinamento do Papa Francisco com sua carta *Laudato si'*⁵. As indagações relativas a possíveis relações entre Ciência e Fé, entre cientistas e teólogos, são permeadas por desafios e ardis. Por isso, indicam certas condições a serem respeitadas por ambas as partes. Primeiro, estamos antes, creio eu, diante do plano das interrogações impondo-se mais sobre a falsa euforia do plano das certezas. Segundo, convém, tanto aos teólogos quanto aos cientistas, perder sua ingenuidade, ou cegueira refletida. Vale dizer, de um lado, é razoável esperar que os cientistas aceitem aplicar, nas suas reflexões sobre questões relativas à religião, a mesma preocupação em buscar informações apropriadas e o mesmo rigor intelectual que praticam nas pesquisas e estudos da natureza ou no campo das biociências. E, por outro lado, que os teólogos exponham aos cientistas, em linguagem atualizada sob a égide dos avanços nas ciências, as questões cruciais que povoam suas mentes sobre Deus. Muitas vezes, cientistas, saindo de seus laboratórios, se espantam em não encontrar mais Deus onde antes imaginavam que estivesse. E que teólogos percebam que a milenar contenda entre Fé e Razão, ou entre Ciências Naturais e, mais recentemente, as Biociências, não poderia ser resolvida, longe disso, simplesmente, como ainda hoje muitos teólogos e pensadores o fazem, apelando para argumentos similares àqueles creditados a uma leitura literal da Bíblia, quando se trata de questões que possam chamar a atenção dos cientistas da natureza. É pertinente que ambos entendam que a problemática relativa às relações entre Razão e Fé, Ciência e Teologia, entre as respectivas racionalidades está essencialmente afetada pelo signo da historicidade. Há de se pensar que o combate entre fideísmo e racionalismo, entre um crer desconfiado e um filosofar incrédulo, pode estar relacionado com conflitos passados situados em cenários diversos. Assim o problema não é mais nosso. É razoável supor que o foco deva ser orientado para uma análise da questão em termos de relação de cooperação mútua, apesar da diferença e irreversibilidade entre Ciência e Fé.

Assim, pode-se imaginar um tipo de relação na medida em que ambas se permitam o esforço de respeitar suas especificidades recíprocas e aceitem que o caminho trilhado no decorrer da história representa preciosa herança para a atualidade. As bases históricas da ciência continuam, sem dúvida, exercendo suas funções sustentadoras em relação ao empreendimento científico. Desse modo, se a racionalidade do mundo fosse posta radicalmente em xeque, veríamos a derrocada de nossa ciência.

Surge a indagação: qual é nossa herança, na atualidade de nossa cultura e da civilização humana, relativa a essa questão?

Um exemplo emblemático é o "caso" Galileu. Para a consciência científica o caso Galileu é como um mito fundador, símbolo do confronto entre uma verdade dogmática e uma realidade fatural. A condenação, pela Igreja Católica, representou a ruptura do acordo, pelo ocidente cristão, entre a revelação natural e a revelação das Escrituras. Na consciência religiosa o caso Galileu é um episódio como outro. O cientista não foi o primeiro nem o último a desafiar a autoridade da Igreja. Sem dúvida, a história nos ensina muito sobre as relações entre Razão e Fé.

³ JOÃO PAULO II, Papa. *Fides et Ratio*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.

⁴ JOÃO PAULO II, Papa. *Encíclica Fé e Razão*. São Paulo: Paulinas, 1999. Roma Libreria Editrice Vaticana, 1998.

⁵ FRANCISCO, Papa. *Laudato si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

Hannah Arendt, em sua obra *Entre o passado e o futuro*, cita um aforismo de René Char⁶ *Notre héritage n'est précédée d'aucun testament*^{7,8}. Em outras palavras, não dispomos de orientação prévia indicada para orientar a abordagem de questões e problemas trazidos pela história, e nenhum manual didático que possa nos trazer regras de compreensão. Daí a relevância da abordagem hermenêutica para a compreensão de questões dessa natureza. Isso significa que um problema sempre esteve e continua aberto a diversas leituras. E a reflexão filosófica, como instância crítica, poderá se posicionar como mediação na discussão de questão.

Minha pretensão é bem restrita. Permito-me algumas considerações gerais ou pistas para reflexão. Não viso encontrar respostas, mas indagações na tentativa de transformá-las em problemas, visando colaborar para o debate e construir um possível quadro de inteligibilidade e de plausibilidade de articulação na tensão entre Ciência e Fé. Daí o caráter hermenêutico a que afeta a reflexão.

Retomando a já conhecida expressão de Paul Ricoeur sobre o símbolo – *le symbole nous donne à penser*^{9,10}, podemos afirmar que essa questão nos faz pensar. Os filósofos preferem enfrentar problemas e pensar em mistérios! Fiéis a atitude da investigação racional crítica, cada pensador, filósofo, teólogo e cientista reconhecem, estou convicto, que não é prudente ultrapassar o limite de sua capacidade explicativa para melhor respeitar o *élan* da investigação competente.

Como então, abordar da perspectiva da crítica filosófica essa problemática?

Ao lado de inúmeros atributos propostos no decorrer da história, a saber, diálogo, interdependência, indiferença, rejeição mútua, proponho como pertinente, para designar as relações entre fé e razão, ou entre teologia e ciências, religião e ciência, tomar a perspectiva de pensar em “tensão” entre dois pólos, uma dicotomia (grego *dikhotomos*, de *dikha* “em duas partes”, e *temnein*, cortar). Dicotomia no sentido de oposição binária de elementos abstratos complementares.

Três elementos servem de horizonte de significação para essas reflexões: a tensão entre as duas atitudes humanas, a atitude científica e a atitude de fé. Em segundo lugar, o princípio de possível influência recíproca e da ambiguidade dessa influência. Finalmente, o princípio da historicidade das atitudes do homem concreto situado no mundo e na cultura, acima mencionado.

Em se tratando de duas dimensões existenciais diferentes do humano, uma não deveria ser um incômodo para a outra. São dois universos de verdade e de valor diferentes.

Proponho abordar em três momentos: (1) apresentação da problemática; (2) esclarecimento dos conceitos Ciência e Fé; (3) proposta de interpretação da articulação representada pelo ‘e’ do título. Espera-se atingir uma imagem irenista do cenário contemporâneo, no qual se encontram as Ciências e a Teologia, Razão e Fé, entendendo-as como racionalidades diversas.

A problemática

Ciência e Fé são irreduzíveis. Não eliminam, no entanto, a presença de um *tertium*, a *busca do sentido e da verdade*, o que poderia permitir uma articulação de correlação e diálogo na

⁶ Poeta francês (1907–1988).

⁷ Nossa herança não foi precedida por testamento algum.

⁸ ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.28.

⁹ O símbolo nos faz pensar.

¹⁰ RICOEUR, P. *Le conflit des interprétations*. Paris: Seuil, 1969. p.284.

diversidade das racionalidades. Na verdade, a razão inicialmente se mostrou engajada na busca das realidades últimas (filosofia grega e medieval, cada qual a seu modo), viu posteriormente seu exercício circunscrever-se unicamente na esfera da experimentação, onde se situa a racionalidade científica, na ciência moderna. Para os antigos o valor da ciência provinha de seu objeto, o Ser, para Platão, Aristóteles e, para seus seguidores da Idade Média, Deus como criador. Respectivamente a metafísica como a filosofia primeira para os gregos e, a teologia para os medievais.

Para os modernos é a pureza da pesquisa que tem mais valor. Daí a ideia de consciência científica, de rigor no método experimental, e agregado a isso, maior valor da liberdade de pesquisa.

Ciência e fé têm ocupado um lugar especial no cenário cultural há muito tempo, desde o encontro da filosofia grega com o cristianismo nascente. Há certo tempo tem havido uma tácita concordância em considerar os choques entre ambas como algo passado. Talvez a interrogação tenha sido sempre feita de uma perspectiva que exige uma adequação diante da situação atual. Na verdade, é plausível supor que o fato primitivo e originário do encontro entre Fé e Razão se deu por uma escolha antiga do cristianismo, fato esse sobre o qual ainda não terminamos de refletir. Ele ainda nos dá a pensar e interpela muitas mentes animadas pelo élan da hermenêutica crítica. Em vez de buscar o que significa uma relação entre esses pólos, mais relevante seria indagar o que significa para o homem concreto situado culturalmente numa sociedade moldada nos quadrantes das tecnociências.

Penso que hoje estamos frente a uma oposição entre, de um lado, a Fé (religião), considerada como espaço onde se reconhece ou elogia as diferenças, sustentando, assim, projetos inter-religiosos animados pelo multiculturalismo, e, por outro lado, a ciência (a razão científica), que se orgulha em se mostrar como o elogio da universalidade, da eficácia e da utilidade.

Entre a Fé e a Razão um longo período de relações ocorreu no período cristão, desde a instituição do cristianismo até século XIV. Essa etapa conheceu conflitos tensos, passando por indiferença, chegando a reconhecimento mútuo e até mesmo uma nova aliança. Cientistas, teólogos e filósofos cristãos expuseram, de maneiras diversas, suas perspectivas, e argumentaram em favor de suas teses sobre essa complexa questão. Ainda há eventos e encontros sobre o tema, sempre apresentando perspectivas e sugestões novas. No meu entender é uma preocupação hermenêutica, isto é, o cuidado de repensar de modo crítico as condições de possibilidade, as modalidades e os limites da tensão entre os procedimentos científicos, ou a atitude científica e as tarefas da teologia.

Desde essa ideia pode-se pensar na hipótese segundo a qual emerge a indagação: não seria o esforço de esclarecimento hermenêutico, num clima de abertura, de objetividade, sem a *priori* ideológico ou fundamentalista de uma parte, e de outra, o *lócus* de um diálogo renovado e crítico entre ambas, Ciência e Fé?

Penso que se pode colocar o problema da relação entre a Ciência e a Fé cristã – é dela somente de que se trata –, em dois planos: o do conteúdo e o das atitudes fundamentais. No plano dos conteúdos a questão tem sido debatida de modo intenso e amplo. Sugiro que delimitemos ao campo das atitudes fundamentais.

O confronto entre Ciência e Fé surgiu no âmbito de outra questão paralela, isto é, o âmbito do que podemos chamar “mundo cristão”. Esse mundo constitui uma visão da existência humana

a partir da atitude fundamental da fé. Mundo é o horizonte que permite colocar em perspectiva a existência humana em todas as suas dimensões e, em particular, a cristã. Essa se coloca a partir da atitude fundamental da fé.

Esse mundo cristão, na sua gênese, já comportava um sistema de representações visto como completo, que integrava uma síntese teológica e certa interpretação da natureza pela ciência clássica. Enquanto perdurou o mundo cristão e o sistema de representações vinculadas a ele, a questão das relações entre ciência e fé restringiu-se a determinadas questões particulares, isto é, um problema de conteúdo. Aliás, as ciências estavam sob a tutela da fé. O problema poderia surgir quando uma nova teoria entrasse em contradição com alguma concepção tradicional relacionada à fé. O caso Galileu foi emblemático.

O advento da ciência moderna veio colocar em questão a força unificadora da ideia de mundo, exemplo mundo da natureza. As ciências, ao conduzirem seus resultados que estivessem em contradição aparente com certos elementos da interpretação antiga, provocariam um conflito. Mas, essa situação colocava em oposição o sistema de representação do mundo cristão com as novas aquisições científicas. Assim, surgiu o problema das relações entre Ciência e Fé, que não poderia se colocar quando o saber “científico” estava inteiramente integrado a uma síntese teológica. O problema foi resolvido quando se dissociou o conflito aparente de um conflito real, isto é, quando se percebeu que a ciência moderna questionava certo modo de interpretação da realidade e não a teologia cristã em si mesma.

É razoável supor que surgem, atualmente, conflitos no plano ético e não exatamente no plano da Fé. Aí a situação se tornará premente, crisogênica, provocando conflitos irremediáveis, mesmo em situação de diálogo.

A Ciência: a atitude científica

A epistemologia tem mostrado que o sentido dos enunciados é relativo aos métodos utilizados e, assim, nenhum conflito pode surgir entre conteúdos que dizem respeito a planos heterogêneos de inteligibilidade. A revolução científica moderna não promoveu a chegada de um novo mundo que veio substituir o anterior. Mas sim, novos mundos se constituíram um ao lado do outro. Ocorreu uma multiplicação de modos de unificação e de totalização da experiência humana (a física newtoniana e a física quântica por exemplo). O mesmo se deu nas Ciências Humanas (a psicologia antes de Freud e depois de Freud). Thomas Kuhn fala em revolução de paradigmas. Diversos modos de sínteses que levaram a questionar, sob novo olhar e expressar, por novos termos o problema da unidade da experiência humana. Exemplo: o sistema geocêntrico e o sistema heliocêntrico.

Não se trata mais de subsumir sob um termo ou conceito único, em um processo de hierarquização, uma multiplicidade de atitudes ou perspectivas, mas de estruturar, no seio de uma experiência única e que tende a dar coerência, diversos projetos constituintes. Assim, há o projeto da fé, o projeto da ciência, o da política, o projeto de nação, de valores, etc.

Ao se resolver a problemática dos conteúdos, esse mesmo processo revelou o caráter específico da “ordem científica”, a sua consistência própria. A própria evolução da ciência, a partir do século XV, veio instituindo a atitude científica sob a pressão do progresso das ciências.

Percebeu-se, então, a inteligência científica, na medida em que dominava seus métodos e que se confirmava em suas ambições. A ciência viu-se impelida a voltar-se sobre seu projeto inicial para esclarecê-lo e assumi-lo de modo cada vez mais rigoroso. A atitude constitutiva da ciência desvinculou-se, então da opacidade do mundo vivido, e mostrou sua especificidade: ela se mostrou para si como dimensão constitutiva da consciência.

Observe-se que foi somente no século XIX que a ciência adquiriu o extraordinário poder intelectual e social que ela possui. Foi então que se tornou rival das igrejas cristãs, e foi então que surgiu um mito, por assim dizer, do conflito necessário entre o cristianismo e as ciências. A separação dos domínios parecia impor-se como necessidade e foi praticada cada vez mais. Passava-se da ciência à ideologia e pretendia-se impor uma visão global do mundo e do homem unicamente fundada sobre o racionalismo científico, o cientificismo, cujos limites eram ignorados.

Exemplo marcante hoje é dado pela posição de diversos biocientistas, biólogos e geneticistas que defendem a redução de toda atividade intelectual ao funcionamento de neurônios, ou sustentam a fundamentação da moral e da política somente nas leis da genética. Note-se, ademais, que o inaudito sucesso técnico das biociências e da engenharia genética reservam a essas posições um considerável peso. No entanto, é imperioso admitir-se que a ciência é incapaz de dar sentido pleno e exaustivo do mundo e da existência do homem. E mais, essa noção de sentido é totalmente estranha a esse domínio das tecnociências. Por sua operatividade, as tecnociências julgam-se a-éticas, não reconhecendo qualquer determinação axiológica ou ética, uma vez que seu imperativo é claramente explícito, “o que pode ser feito, será feito”. Seu único regulador responde a critérios tecnocientíficos. Esse é o ardil a ser criteriosamente analisado, uma vez que a dimensão própria das tecnociências é afetada pelo signo da ambivalência entre benefícios e malefícios à humanidade. Ora, é precisamente isso que o cristianismo como outras religiões oferecem a partir da fé, a busca de sentido do existir humano, proclamando um humanismo cristão.

É por sua maneira de as ciências tocarem o homem que elas nos interessam. Aí elas mostram seu caráter ambíguo. Elas conquistaram muitos bens para a humanidade. É nas suas conseqüências que podemos apreender aquilo que estava incluído no seu projeto original, aquilo que estava no estado “não desvendado”! Esse “escondido” é o projeto de “objetificação” radical da experiência concreta. Esse processo de objetificação é como uma ruptura do acordo imediato entre o homem e o mundo; são as experiências vividas que se tornam objeto. As ciências realizam seu projeto de domínio, e seu alcance mais profundo é implantar um novo sentido, que se torna vivido e exercido concretamente numa gama imensa de manifestações, das quais ela, a ciência, é o elemento unificador. Por exemplo, um novo tipo de relação humana por meio virtual.

Há sem dúvida, a possibilidade de a ciência arvorar-se como o único sentido possível. Seu sucesso mesmo a convida a apresentar-se a si mesma como a única dimensão possível de sentido. Aí reside seu caráter totalizador, perpetrado pelo cientificismo. Em suma, atitude fundamental por ela representada pode muito bem substituir todas as outras, tornando-se totalizante. A explicação científica teria a última palavra. Como afirma Ladrière:

E na medida em que a ciência tende a se impor como perspectiva única sobre o universo, como modo de experiência absolutamente universal, deve-se dizer que sua gênese e seu desenvolvimento não

significam somente o surgimento de um novo sentido ao lado de outros, mas modificação do próprio sentido do sentido (tradução minha)^{11,12}.

Assim concebida, a ciência revelaria uma atitude de caráter totalizante.

A atitude de fé

A atitude de fé está correlacionada ao evento da revelação, a revelação como manifestação do mistério de Deus. A palavra da fé responde à palavra da revelação. A fé como confiança, aceitação do que é enunciado como Verdade. O discurso do saber, em contraponto, visa apreender o real e reduzi-lo a um dado compreendido pelo intelecto. Ambos os discursos têm uma relação com a verdade. São, no entanto, essencialmente diferentes. A palavra da revelação não é simples apelo à vontade, mas é um evento de manifestação do mistério de Deus. Ela orienta certo tipo de inteligibilidade, de modo que a fé envolve um tipo de saber, mas sim, outra forma de saber.

Distinguem-se, tradicionalmente, três componentes no ato de fé: ela é um ato da inteligência, um ato da vontade, ela só é possível por uma ajuda pela graça de Deus. Pelo componente vontade, entende-se que o ato é livre. A vontade intervém para que o crente decida aderir. Sendo ato da inteligência, isso quer dizer que há algo a ser compreendido; o conteúdo da fé é inteligível.

Essa palavra é anúncio da boa nova: a salvação. Consiste na realização efetiva daquilo que ela anuncia; assim ela é uma palavra operante. A fé não se traduz numa tentativa de explicar a palavra reveladora. É uma palavra de proclamação, como mostra a palavra do Credo, uma palavra performativa. A salvação e a revelação coincidem com seu anúncio, a fé coincide com sua proclamação. A proclamação é uma experiência existencial pela qual o crente assume a obra da salvação.

Para o cristão, a fé é uma adesão motivada e confiante no mistério de Deus e seu amor redentor. Pela fé, o cristão não visa a uma coisa ou a um sistema de conceitos ou verdades abstratas, mas Alguém, o Deus mesmo, o que Ele é nele mesmo.

Pelo Magistério da Igreja podemos aprender que a fé é um dom sobrenatural. Primeiro, porque ela nos introduz numa ordem existencial de parte a parte sobrenatural, isto é, a ordem salvífica de Deus, chamada por isso a ordem da graça. Em seguida, a fé como adesão a Deus e à sua Palavra só é possível porque Deus nos torna capaz. Em seguida, como vida teologal, a fé é uma atitude de confiança e de fidelidade, é o sentido do verbo latino *credere in*, crer em Deus.

Na sua carta encíclica o Papa Francisco pondera:

São João expressou a importância que a relação pessoal com Jesus tem para a nossa fé, através de vários usos do verbo crer. Juntamente com o “crer que” é verdade o que Jesus nos diz (*cf. Jo 14, 10*;

¹¹ *Et dans la mesure où la Science tend à s'imposer comme perspective unique sur l'univers, comme mode d'expérience absolument fondamentale, il faut dire que sa genèse et son développement ne signifie pas seulement apparition d'un nouveau sens à côté d'autre sens, mais modification du sens même su sens.*

¹² LADRIÈRE, J. *La science le monde et la foi*. Tournai (Belgique): Casterman, 1972. p.27.

20, 31), João usa mais duas expressões: “**crer a** (sinônimo de dar crédito a)” Jesus e “**crer e**” Jesus [grifo meu] “Cremos a” Jesus, quando aceitamos a sua palavra, o seu testemunho, porque Ele é verdadeiro (cf. Jo 6, 30). “Cremos em” Jesus, quando O acolhemos pessoalmente na nossa vida e nos confiamos a Ele, aderindo a Ele no amor e seguindo-O ao longo do caminho (cf. Jo 2, 11; 6, 47; 12, 44)¹³.

A fé é luz que envolve conhecimento. O mistério de Deus escapa à apreensão da ideia clara e distinta, não se deixa apreender por conceitos. A revelação, ao nos oferecer Deus que se aproxima de nós, não suprime a transcendência divina, mas a acentua; no seio da fé, Deus é o Todo Outro, o Supremo Inefável. E a adesão a Deus pela fé consiste em aceitar que “os caminhos de Deus não são os caminhos dos homens”. A fé em Deus não é viva, senão quando é também fé no homem. A glória de Deus é que o homem viva e produza frutos. O homem é mesmo o caminho privilegiado que conduz a Deus, pois ele é, por excelência, a imagem de Deus. Ao compreendermos amar o homem, chegamos a descobrir Deus. Deus é, para nós, Aquele por quem nossa vida ganha sentido.

Agora se pode indagar: O que significa aos olhos do crente a atitude da ciência em relação à atitude da fé?

Pode-se considerar que o desenvolvimento recente das ciências, e de modo particular das tecnociências, forjou um homem novo. Elas revelam nele possibilidades que antes de sua consolidação eram insuspeitas, inauditas. Esse humanismo científico conhece sua conquista na dupla dimensão que mencionei há pouco: expansão crítica na busca dos fundamentos (espírito crítico) e expansão técnica na conquista de um poder crescente do homem sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre a natureza.

Para o cristianismo isso tem um significado positivo. O cristianismo não pode ser fundado numa ruína do homem, mas assumindo-o em sua existência concreta, tal como ele se constitui por seus meios próprios na história que é sua. A salvação não se endereça ao homem abstrato, estranho ao contexto histórico, mas ela o toma naquilo que ele é, na sua dimensão concreta, no seu destino histórico mais imediato. Afinal, esse é o homem concreto em sua historicidade. E o mundo cristão atual encontra esse homem, o homem de ciência que pode igualmente ser crente ou incrédulo. Talvez um novo humanismo aceito, quem sabe, por crentes e não crentes, alicerçados em valores fundamentais comuns a todo ser humano.

A iniciativa da Filosofia

É pertinente entender que a Filosofia assuma, diante da problemática Ciências e Fé, a situação de tensão entre as duas atitudes. Pode-se vê-la como uma tensão amorosa. O que entender com isso? Ao mantermos no modo tensão as relações entre razão e fé, deixaremos de lado qualquer tentativa de as unificar, ou de pensá-las como harmonizáveis. Assim, evita-se negar um dos termos ou promover a prioridade de uma sobre a outra. Para haver tensão é necessário dois termos. Uma fé sem inteligência de si pode cair no fanatismo fundamentalista do fideísmo. A

¹³ FRANCISCO, Papa. *Encíclica Lumen Fidei*. São Paulo: Paulinas, 2013. n.18.

razão muito segura de si cai no embotamento do cientificismo cego para todas as dimensões da realidade, incluindo o homem. Tornar-se-ia totalitária. A razão tem aspecto crítico, é metódica, ela quer verificar pela experiência (no caso da ciência). Introduzir-se esse saber (mundano) no íntimo da fé pode ser perigoso, mas traz um benefício. Vai abalar os alicerces, mas induz a uma fé mais pura ao obrigar a criticar as representações que os homens se fazem de Deus e de si mesmos.

Por sua vez, a fé mostra à razão um caminho e realidades maiores que ela. A fé não é um salto no irracional (Kierkegaard). Ela é abertura a algo maior, embora misterioso, ou numinoso (Rudolf Otto). Mesmo misterioso Deus é uma palavra que se revela ao homem e não permanece recluso em sua transcendência inacessível e incomunicável. Devemos tentar penetrar o mistério e desvelá-lo.

Observamos que Ciência e Fé estão dividindo um mesmo fim. O Papa João Paulo II afirma expressamente essa ideia em sua encíclica. E lança o convite-apelo à Filosofia (e a Teologia a seu modo) para repensar, de modo crítico, as condições de possibilidade, as modalidades e os limites de um eventual diálogo, desta vez entre a atitude da atividade científica na sua amplitude e as tarefas teológicas, para concluir em uma possível complementaridade dinâmica e respeitosa das diferenças entre ciências e fé mediadas pela razão. São linguagens diferentes ordenando-se em tonalidades diferentes. Os traços da diferença são muito prementes e tornam uma relação difícil. Mesmo sendo possível, é pertinente uma mediação no proposto diálogo entre a Ciência e a Teologia.

Questões de fé, de Deus, são questões complexas para a reflexão filosófica. Há um receio de que a filosofia se torne uma cripto-teologia e que a fé se transforme em uma espécie de resposta última às questões do cientista e do filósofo. Aqui uma rigorosa prudência se impõe.

O diálogo desejado na tensão entre Ciência e Fé (ou ciências e teologia) pode encontrar um risco: ficar entre dois abismos – o racionalismo radical (cientificismo) e o fideísmo. Se não se assumir esse risco que acompanha a constituição de um possível diálogo, sujeito ao jogo de todas as exigências aparentemente inconciliáveis, torna-se bem difícil o entendimento da fé no mundo atual, quase totalmente dominado pela mentalidade tecnocientífica com absoluto domínio do imanente. É necessário, pois, a busca de uma compreensão mútua, uma “hetero-compreensão”.

Penso poder encontrar, na aurora de nosso mundo filosófico, o elemento responsável pela articulação, o amor. O amor – *philia*, dos gregos – que poderá assumir a tarefa, como eixo central dessa articulação, de acompanhamento simbólico mútuo entre ciência e fé ou ciência e religião.

O amor é uma atividade incessante visando descobrir o mistério do outro. É razoável supor que entre razão e fé exista um estímulo e um desafio de um para o outro (na busca da verdade e do sentido da existência humana) e não reciprocidade, pois são incomensuráveis.

É plausível entender que reflexão filosófica pode exercer um papel interessante. A Filosofia reconhece como sua a tarefa da busca de sentido, a justificação racional e a escolha de valores, por meio do debate plural e democrático, visando a apontar balizas plausíveis para o agir humano. Sua competência no manejo e articulação lógica dos conceitos mais gerais, seu domínio na explicitação dos pressupostos e dos objetivos, seu treino na dialética em formular argumentos e objeções, seu gosto pela reflexão crítica radical, deveriam normalmente conduzir o filósofo a uma posição cujo papel é de vigilância lógica, metodológica e ética.

Como se concretiza tal vigilância? Por meio da análise e formulação dos pressupostos implícitos nos diversos discursos e conceitos, evidenciando possíveis incoerências. E mais, pode auxiliar na indicação de pontos de consenso e de questões irremediavelmente conflituosas, pois remete a conceitos, pressupostos e valores de base inconciliáveis. Evitando, na verdade, o nihilismo, o filósofo instado a se posicionar frente a questões prementes provocadas pelas biotecnologias, por exemplo, dirá que não é possuidor, tanto quanto todos os outros, de uma verdade universal e muito menos de alguma resposta universal.

A história nos mostra que, ao se analisar e avaliar as relações tensas entre a dimensão simbólica e a dimensão da operatividade técnica, os termos usados têm sido controle e domínio. Desde Descartes e Bacon, esse tem sido o projeto, isto é, de dominar e transformar a natureza. Passou-se, então, a uma etapa de crítica e de rejeição, por causa da desmesura obsessiva das técnicas e das tecnociências em tudo querer controlar e dominar. Porém, há uma dificuldade: de qual *nome* maiúsculo, Natureza, Deus, Cultura, subordinar legitimamente as tecnociências. Em nome de qual filosofia, de qual religião, de qual ideologia, de qual antropologia, de qual projeto de civilização? Tal era a verdadeira questão, e ela era radical: qual autoridade da ordem símbolo poderia, portanto, esclarecer e balizar universalmente e legitimamente o futuro da humanidade e do mundo? A ideia de *Philia* – amor, pode concretizar-se numa espécie de acompanhamento. Acompanhar rejeita a ideia de controlar, de dominar ou de demonizar. Acompanhar leva à aceitação das diferenças, as especificidades respectivas dos acompanhantes.

Mas como entender esse conceito ‘acompanhamento’?

Acompanhar significa “caminhar junto” sem conotação de auxílio de uma parte para com a outra. Acompanhar provém também do baixo latim “*companio*” aquele que vive com alguém. *Ou cum panis*, compartilhar o pão com alguém. Do grego *synodeuo* caminhar com. Não se trata de um termo unívoco. Há efetivamente uma estrutura idêntica em todas as formas de acompanhamento, aliás, inscrita na própria semântica do verbo acompanhar, vale dizer, *ac-cum-pagnis*; *ac* (em direção de), *cum* (com), *pagnis* (pão), dotando o acompanhamento de uma dupla dimensão: da dimensão de relação mútua e de marcha ou caminhar. Assim a definição genérica de marcha é: **estar com** e **ir para**, sobre a base de um valor simbólico, que é o valor de partilha e de germe de comunidade.

Compartilhar pode significar uma redistribuição de lugares. Expressão que toma sentido na concepção de acompanhamento como uma conversa ou “palavra compartilhada”, diálogo; o que direciona para a instauração de um tipo de relação que faculte esse diálogo recíproco, isto é, sem supremacia de um sobre o outro. Esse valor de partilha se constituiria numa visada ética para orientar a ação.

Com o verbo “acompanhar” tenta-se construir uma organização do sentido: primeiro, “aproximar-se” de alguém (indicaria uma dimensão relacional); em seguida, para “caminhar” numa determinada direção (dimensão temporal e operacional); e, finalmente, ao mesmo tempo em que o outro, “respeitar” seu ritmo, seu alcance, sua especificidade. A “marcha” em conjunto dá a ideia que avançam “em acordo”, isto é, juntos, sobre a base de entendimentos, objetivos e meios compartilhados.

Assim, creio que o princípio de totalidade, harmonia, unidade são descartados, cedendo lugar a um princípio dialógico.

“Acompanhar” o outro é perfazer uma parte do caminho com ele em direção a “algo”. E essa parte de caminho é construído ao caminhar e este “algo” se inventa nessa dinâmica. Acompanhar significa romper com a lógica dos fundamentos, do domínio, e promover uma relação de liberdade. Acompanhar é desenvolver um discernimento crítico, uma vigilância epistemológica.

Considerações Finais

Ciência e Fé são duas potências humanas autônomas em sua natureza respectiva. Apesar de a história nos mostrar situações de conflito, é razoável supor que, na atualidade, há sinais claros de uma vontade de interlocução. De fato, são linguagens diferentes ordenando-se em tonalidades diferentes! Os traços da diferença são muito prementes e tornam uma relação difícil. Como nesse processo trata-se de dimensões epistemológicas (no caso das relações entre ciências e teologia), a proposta de mediação filosófica seria justificada. Com a ciência, a Filosofia compartilha a con-dição de saber racional de ordem natural. Ademais, pela sua capacidade intrínseca de abrir-se ao transcendente, ela se coloca no limiar da tentativa de compreensão racional da revelação. No entanto, é necessário aprofundar o significado dessa mediação diante dos ardis encontrados. Essa questão deve receber tratamento mais aprofundado.

O Papa João Paulo II afirma em sua Encíclica: A capacidade reflexiva própria do intelecto humano permite elaborar, através da atividade filosófica, uma forma de pensamento rigoroso, e assim construir, com coerência lógica entre as afirmações e coesão orgânica dos conteúdos, um conhecimento sistemático FR 4¹⁴.

Note-se que essa ideia de conhecimento sistemático é pertinente e interessante, embora careça de melhor especificação. Como ciência e fé poderiam constituir um sistema? O que isso significaria? De qualquer modo tal empreendimento seria animado por uma intenção hermenêutica própria da reflexão filosófica. O intuito seria repensar criticamente as condições de possibilidade, os limites e os modos de um diálogo entre as teorias e procedimentos científicos, e as tarefas que são atribuídas e assumidas pela teologia. Poder-se-ia, assim, chegar ao desvelamento (aletheia) de novas bases para o estudo e interpretação de dados e doutrinas teológicas sob a perspectiva da situação contemporânea afetada pelo signo das pesquisas científicas e de seus resultados ambivalentes para a sociedade e para o indivíduo.

Outro ponto de aproximação é representado pelo objetivo que a teologia e as ciências almejam, isto é, a busca de compreensão da existência humana em todas as suas manifestações e dimensões.

Lemos na Encíclica:

Variados são os recursos que o homem possui para progredir no conhecimento da verdade, tornando assim cada vez mais humana a sua existência. De entre eles sobressai a filosofia, cujo contributo específico é colocar a questão do sentido da vida e esboçar a resposta: constitui, pois, uma das tarefas mais nobres

¹⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. FR 4.

da humanidade. O termo filosofia significa, segundo a etimologia grega, amor à sabedoria¹⁵.

Em ambos os casos o apelo à razão é pertinente. Poderá ser esclarecedora a distinção entre entendimento e razão, na linha de Kant por exemplo. Sugestiva é a afirmação de Paul Ricoeur em sua obra *Plaidoyer pour l'utopie ecclésiale*: "O entendimento é o que calcula e a razão é o que apreende os conjuntos. Cabe, de fato, à racionalidade de tentar compreender como o homem é em relação com a natureza, homem com relação ao outro, o sentido da existência"¹⁶.

Comum às duas é o empenho na busca da verdade e a possibilidade de o homem aproximar-se dela. Em sua encíclica João Paulo, referindo-se a Aristóteles afirma: "Todos os homens desejam saber, e o objeto próprio deste desejo é a verdade"¹⁷.

Pode-se afirmar que o reconhecimento da existência da verdade e de seu sentido especial para a existência do homem representa um dos preâmbulos da fé. Aquele que deseja transcender a capacidade natural na busca da verdade e do sentido da existência, estando consciente de seus limites, encontrará a luz que lhe proporcionará outro tipo de compreensão que a visão científica ou filosófica desses fenômenos *Credo ut intelligam*.

Vimos que a tarefa de mediação que poderá exercer a reflexão filosófica se mostra como uma vigilância na análise crítica da possível interlocução das atitudes humanas na ciência e na fé, considerando-se a equivalência com Razão e Fé. Como se justifica tal pretensão? Pela natureza da atitude filosófica. A Filosofia adota uma atitude epistemológica ao indagar criticamente as condições de possibilidade da ciência, dos seus métodos, de seus fundamentos, da pertinência de seus critérios de validação; submete à análise seus conceitos operatórios e a estrutura de sua argumentação. Em relação à Fé ou à Teologia, oferece sua colaboração ao esclarecer a experiência da fé; em relação à teologia avalia a base conceitual (grande parte toma da filosófica) de que se serve a teologia nas suas análises do divino e da experiência da fé.

Finalmente, o aprofundamento da análise da questão de possível inter-relação entre ciência e fé deve levar em conta as próprias exigências da razão e suas inquietações, que não se contentam com a visão científica redutora da realidade, que demandam uma resposta aos problemas não científicos provocados pela própria atividade científica, sobretudo, pelos resultados dessa atividade sobre o humano.

"Acompanhar", atitude sugerida para a reflexão filosófica, mais do que simples caminhar "ao lado de" significa adentrar na dinâmica epistemológica da ciência, sem tomar-lhe o lugar. Ambas são atividades relacionadas ao "*logos*", a razão, que tomaram caminhos diversos para uma finalidade semelhante, a busca da verdade. E, por sua parte, a Teologia como ciência poderá valer-se das conquistas das ciências se tiver uma visão lúcida para poder captar as indagações mais profundas que solicitam sua palavra.

O Papa João Paulo II faz uma observação pertinente em sua encíclica:

Compreende-se que, num mundo subdividido em tantos campos de especializações se torne difícil reconhecer aquele sentido total e

¹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. FR 3.

¹⁶ RICOEUR, P. *Plaidoyer pour l'utopie ecclésiale*. Genève: Labor et Fides, 2016. p.105.

¹⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. FR 25.

último da vida que tradicionalmente a filosofia procurava. Mas nem por isso posso, à luz da fé que reconhece em Jesus Cristo tal sentido último, deixar de encorajar os filósofos, cristãos ou não, a terem confiança nas capacidades da razão humana e a não prefixarem metas demasiado modestas à sua investigação filosófica. A lição da história deste milênio, quase a terminar, testemunha que a estrada a seguir é esta: não perder a paixão pela verdade última, nem o anseio de pesquisa, unidos à audácia de descobrir novos percursos. É a fé que incita a razão a sair de qualquer isolamento e a abraçar de bom grado qualquer risco por tudo o que é belo, bom e verdadeiro. Deste modo, a fé torna-se advogada convicta e convincente da razão¹⁸.

A despeito de uma história atribulada, é patente, atualmente, a vontade de se transcender a tensão e construir um diálogo entre Razão e Fé.

¹⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Papa. FR 56.